


## SOBRE FRINEIA DE THESPIS, O QUE SABEMOS?

## WHAT DO WE KNOW ABOUT PHRYNE OF THESPIS?

## ¿QUÉ SABEMOS SOBRE FRINÉ DE TESPIS?

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-143>

Data de submissão: 02/03/2026

Data de publicação: 30/03/2026

**Maria Regina Candido<sup>1</sup>**

Doutor em História Antiga e Medieval

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: [medeiacandido@gmail.com](mailto:medeiacandido@gmail.com)

Orcid: [orcid.org/0000-0002-1278-838X](https://orcid.org/0000-0002-1278-838X)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2450300228611565>

### RESUMO

A documentação textual nos indica que Frineia de Thespis era uma jovem vinda da Beócia para Atenas e se tornou ativa na participação do comércio do corpo, atuando como hetaira, devido aos encantos e beleza física ficou célebre, tornou-se símbolo da cobiça e da cultura masculina da elite de Atenas. Entretanto, pouco sabemos sobre Frineia de Thespis e o episódio que ficou marcante da vida da jovem hetaira foi a acusação de asebeia/impiedade realizada pelo seu ex-amante Euthias.

**Palavras-chave:** Impiedade. *Hetaira*. *Thiasos Porné*. Frineia.

### ABSTRACT

Textual documentation indicates that Phryne of Thespis was a young woman who moved from Boeotia to Athens and became active in the sex trade, working as a hetaira. Due to her charms and physical beauty, she became famous, turning into a symbol of greed and the male elite culture of Athens. However, we know little about Phryne of Thespis; the most notable episode of her life was the accusation of asebeia (impiety) brought by her former lover, Euthias.

**Keywords:** Impiety. *Hetaira*. *Thiasos*. *Porne*. Phryne.

### RESUMEN

La documentación textual indica que Friné de Tespis era una joven procedente de Beocia que llegó a Atenas y se dedicó a la prostitución, ejerciendo como hetaira. Gracias a sus encantos y belleza, se hizo famosa, convirtiéndose en símbolo de la lujuria y la cultura masculina de la élite ateniense. Sin embargo, se sabe poco sobre Friné de Tespis, y el episodio más significativo en su vida fue la acusación de asebeia/impiedad que le hizo su antiguo amante, Eutías.

**Palabras clave:** Impiedad. *Hetaira*. *Thiasos Porné*. Friné.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Produtividade do CNPq Nível 2

## 1 TEXTO

Plutarco nos auxilia para responder a esta pergunta ao afirmar que seu verdadeiro nome era *Mnesarete* e que Frineia era apenas um apelido. A motivação do epíteto, que em grego fica *φρόνη/frine*, foi em razão do tom pálido de sua pele, muito semelhante à cor de uma espécie de girino que vivia por entre a vegetação úmida dos pântanos áticos (Plutarco, *Los Oráculos de a Pitia*,14).

Entretanto, o que sabemos sobre Frineia de Thespis? A documentação textual nos indica que era uma jovem vinda da Beócia para Atenas e se tornou ativa na participação do comércio do corpo, atuando como hetaira, devido aos encantos e beleza física ficou célebre, tornou-se símbolo da cobiça e da cultura masculina da elite de Atenas. A materialização de sua celebridade está na diversidade de referências sobre sua atuação, presentes em diversos discursos de oradores áticos, nas pinturas, em esculturas e nos epigramas de anônimos.

Helen Morales nos traz à memória que a beleza e a jovialidade de Frineia resultou em ser modelo do pintor Apelles ao representar a deusa do amor no afresco *Aphrodite rising from the sea/Venus Anadyomene* e que Praxíteles esculpiu o seu corpo em mármore para representar a celebre *Afrodite de Cnidos* (Morales, 2011, p.72). Ambos expõem a representação da deusa Afrodite com o corpo nu e com imagens de uma rara beleza fazendo emergir o conceito de *ekphrasis* e *enargeia*. Jas Eisner define *ekphrasis* com um discurso descritivo que traz à imaginação de quem olha a coisa mostrada e vivenciada diante dos olhos; cujo objetivo é, acima de tudo, criar um efeito emocional no imaginário do público que a contempla, e literalmente trazer o objeto descrito diante dos olhos do ouvinte ou leitor (Eisner, 2002, p. 1). Podemos estender o conceito para os epigramas de anônimos, pois a ação aciona a clareza/*sapheneia* e visibilidade/*enargeia*, que juntas atuam na estratégia pela qual um objeto de arte, como a pintura e a escultura, materializa o objeto descrito diante dos olhos e da mente do receptor da imagem.

A exposição espetacular da deusa Afrodite tornou-se referência em epigramas de anônimos, poetas e pintores (Morales, 2011 p. 74). O fenômeno ocorre porque tanto o pintor quanto o escultor, no caso Apelles e Praxíteles, frequentemente usavam modelos humanos de forma anônima para esculpirem ou pintarem deuses, heróis e humanos. Para Morales, a ação de *ekphrasis* para definir a obra de arte, como *Afrodite de Cnidos* e *Venus Anadyomene*, representada a partir de um ser humano ou de uma divindade antropomórfica, aciona um outro agente que chama a atenção na figura do artista modelo, cuja beleza resulta em complexidade e que ganhou fama e eternidade (Morales, 2011, p. 75). No entanto, temos de considerar ser raro que o modelo seja reputado como um componente significativo no resultado da obra de arte, como deixa transparecer Frineia de Thespis.

Em relação à tradição biográfica de Frineia de Thespis, além das imagens e esculturas, apontamos o discurso de Hyperides intitulado *Em defesa de Phryne*. O processo de acusação da jovem foi relatado por Posidippus na dramaturgia *Efésia* (290 a.C.). Algumas comédias e dramas satíricos do IV a.C. teceram referências jocosas a Frineia, a saber: *Neottis*, do cômico Anaxilas; *Neeira e Orestautocleides*, de Tímocles, *The female barber*, de Amphis. As referências sobre estes dramaturgos estão presentes nos autores do primeiro ao terceiro século d.C., como Plutarco (25-120 d.C.), Pausânias (150 d.C.) e Diógenes Laércio (250 d.C.). Atheneu, em seu tratado, *Sobre as dedicatórias em Delfos*, descreveu a estátua e a inscrição de Frineia no santuário em Delfos (McClure, 2024, p. 23).

Entretanto, o episódio que ficou marcante da vida de Frineia de Thespis foi a acusação de *asebeia*/impiedade realizada pelo seu ex-amante Euthias. Este parecia não aceitar o fim do relacionamento amoroso e decidiu por acusar a jovem *hetaira* de realizar ações ilícitas com jovens rapazes atenienses fora dos muros da pólis e por conduzir de forma ilegal um *thiasos* noturno composto por homens e mulheres. A defesa da jovem mulher foi realizada pelo eminente orador Hyperides, o qual, segundo Plutarco na obra *Vidas dos dez oradores*, nutria acentuado afeto pela jovem. O biógrafo cita que Hyperides mantinha íntimas relações com Frineia/Φρόνη τῆ ἑταίρα, e que quando ela foi julgada pela ação de impiedade/ἀσεβείν, ele tornou-se seu advogado (Plutarco, *Vidas dos dez oradores*, 849d).

A ação impactante da defesa realizada por Hyperides e narrado em citação tanto por Plutarco quanto por Atheneus, foi que no meio do julgamento no tribunal e em pleno discurso de defesa, Hyperides suprime a roupa da jovem e expõe os seus seios nus perante o júri, vejamos a citação:

E quando ela provavelmente seria considerada culpada, ele conduziu a jovem mulher para o meio da corte e, arrancando-lhe a roupa, exibiu os seios. Quando os juízes viram a beleza da jovem, ela foi absolvida.  
(Plutarco, *Vidas dos dez oradores*, 849e).

O impacto da ação encontra-se presente no relato de Atheneu na obra *Deipnosophistae*. O autor ratifica o episódio ao narrar que Hyperides atuou em defesa de Frineia, e quando percebeu que seu discurso não convencia os jurados, os quais pareciam propensos a condená-la, Hyperides, em movimento rompante, rasga-lhe o chiton para expor os seios de Frineia, revelando ao mesmo tempo que a beleza dela se deve ao fato da jovem ser devota e sacerdotisa de Afrodite (Atheneu, *Deipnosophistae*, 590d-e).

Chama-nos a atenção neste episódio de Frineia que ambos os discursos demarcam a beleza da jovem e a sua atuação como *hetaira*. A documentação cita outras mulheres que atuavam como profissionais do sexo. Atheneu relata que Hyperides atuava como orador ateniense, porém mantinha relações amorosas com diferentes *hetairai*. Na narrativa do *Deipnosophistae*, Atheneu cita que depois de expulsar seu filho Glaucippus da residência ancestral da família onde ambos moravam, o orador assumiu a relação com *Mirrina*, a mais onerosa de todas as *hetairai*, e a manteve em sua casa em Atenas. Entretanto, na região do Pireu, ele já mantinha sob os seus cuidados a bela *Aristágoras*, assim como na região de Elêusis sustentava a jovem *Phyla*, que ele havia comprado por uma acentuada quantia e em seguida deu-lhe a liberdade. Na obra, Hyperides confessa aos amigos próximos que estava apaixonado por Frineia, a *hetaira* que veio da região de Thespis. O documento ratifica que quando a jovem foi levada a julgamento, devido à acusação de Euthias, (que se sentia preterido) exigia a pena capital por impiedade/*asebeia*, Hyperides, a defendeu e ela foi absolvida (Atheneu, *Deipnosophistae*, 13.590d-e). Como podemos notar, o eminente orador Hyperides deixa transparecer ter a posse de acentuado recursos financeiros que o possibilitava manter seus interesses como a manutenção de várias *hetairai*.

Hyperides, porém, não foi o único eminente político em Atenas a ter envolvimento com *hetaira*. Atheneu nos informa que Alcibíades mantinha relações íntimas com a *hetaira* Medontis de Abidos, informação que, na verdade, vem de um discurso perdido de Lísias (Atheneu. 13.34; 12.48). No discurso *Contra Neeira*, foi mencionado o caso de Lísias com a *hetaira* Metaneira (Demosthenes, 59.21-3). Demóstenes, assim como Alcibíades, era rico, poderoso, inteligente, e detém várias narrativas que fornecem informações das escapadas sexuais do proeminente estadista com *hetairai* (Atheneu. 13.62–63; Idomeneus FGrH 338 F 12)

Para Konstantinos Kapparis, o termo *ἑταίρα/hetaira* significa, essencialmente, um eufemismo usado principalmente para designar uma prostituta de alto nível de educação, comportamento e beleza, e acrescenta que o termo só aparece neste sentido em Atenas no final do período clássico. Antes do período de Heródoto, o termo tinha como significado original a ideia de amigo, companheiro de armas e/ou grupo político. Olivier Aurenche afirma que estes grupos políticos formavam uma *hetaireia* e participavam ativamente nas disputas de narrativas oligárquicas visando alcançar a hegemonia de poder na pólis dos atenienses no período clássico (Aurenche, 1974, p. 9-48). Enquanto o termo *πόρνη/porné*, que designa prostituta na língua grega até os dias atuais e faz sua primeira aparição em grego com o poeta Archilochos (Kapparis, 2018, p. 1).

A historiografia mostra que as palavras *hetaira* e *porné* seriam termos sinônimos cuja diferença estaria no estabelecimento de um juízo de valor entre as atividades. Sian Lewis nos alerta

que esta linha de pensamento está sendo relativizada diante de argumentação alternativa que expressa ser o conceito de *hetaira* um termo que emerge como parte de um discurso político junto ao processo de introdução do conceito de democracia em Atenas. O termo *hetaira* foi inventado pelos poetas arcaicos frequentadores de simpósio como Anacreonte, Archilochos e Simônides como forma de designar o alto estilo de vida da elite ateniense (que denominamos de *andrea aristhoi*) e o luxo presente nos simpósios e banquetes (Lewis, 2002, p. 101).

James Davidson nos traz o conceito de *discurso estratégico* para entender a relação binária de oposição entre *hetaira* e *porné*. Para o autor, a oposição aponta para o conflito do sistema econômico determinando o modo de viver e a posição política no processo democrático, ou seja, a diferença entre o segmento social mediano e a elite em Atenas (Davidson, 1994, p. 142). Ian Morris complementa a proposição de Davidson ao acrescentar que os traços desta divisão *hetaira versus porné* integram a emergência da democracia e expressam o embate ideológico entre os *andrea aristhoi* e os *andrea mesoi*, em que a aristocracia forja e delibera para os *andrea mesoi* a tradição dos valores cívicos e a defesa da pólis. A tradição aristocrática dos *andrea aristhoi* mantém o privilégio da elite ligada aos deuses, a ancestralidade dos heróis e ao estilo de vida com base na luxúria/*habrosyne* expressos nos banquetes e simpósios (Morris, 1996, p. 27).

A *hetaira* tinha por função social prestar serviços sexuais à elite ateniense/*andrea aristhoi* que possuía condições financeiras para arcar com os altos custos da manutenção da *hetaira*; geralmente detinha um nome ou epíteto que a identificava com destaque e de forma individualizada. Kurke, no artigo *Inventing the Hetaira* (1997), argumenta que o estudo da prostituição grega antiga requer o reconhecimento de sua função discursiva ou representacional porque os textos existentes nos dizem muito pouco sobre mulheres “reais”. A autora concorda que a *hetaira* seria uma invenção dos simpósios aristocráticos, os *andrea aristhoi*, do período arcaico, cujas festas privadas com bebidas organizadas por homens da elite configuram-se como uma estratégia política deliberada pela qual os simpósios da elite, das quais as *hetaira* faziam parte, se distinguiria da ascensão dos *andrea mesoi*, segmento social dos emergentes das atividades comerciais e mercantis. Melissa Funke nos traz à memória a citação no discurso *Contra Neeira*, que oferece uma categorização organizada das parceiras sexuais femininas que um cidadão pode procurar sobre o comércio sexual na Atenas clássica: “Ora nós temos as *hetairai* para o prazer, concubinas/*pallakai* para as necessidades do cotidiano do corpo e esposas/*gynaikai* para produzir filhos legítimos e serem guardiãs fiéis dos assuntos privados do *oikos*” (Demosthenes, *Contra Neeira*, 59:122). Consideramos que a figura da *hetaira* como uma mulher que se associava a homens famosos e que circulava nos espaços públicos

e masculinos da cidade. Tais espaços como o teatro, o tribunal e as festas/banquetes privados dos *andrea aristhoi*, estavam simbolicamente em oposição a figura das *gnaikai*/guardiãs do *oikos*.

Rebecca Futo Kennedy afirma que o segmento social das *hetairai* era constituído na maioria por mulheres estrangeiras e metecas cujos nomes tornaram-se conhecidos pela documentação literária ateniense do período clássico e helenístico. A autora acrescenta que as mulheres estrangeiras e metecas eram alvos frequentes de ações judiciais e investidas críticas comportamentais (Kennedy, 2014, p. 2). Para Laura McClure, estas mulheres estrangeiras eram não-cidadãs marginalizadas na Atenas clássica e frequentemente identificadas como prostitutas, quer realmente se envolvessem em sexo comercial, quer não, porque seu comportamento não estava de acordo com as normas sociais de recato circunscritos para as mulheres atenienses, filhas e esposas de cidadãos, as guardiãs do *oikos* (McClure, 2024, p. 21).

Acreditamos que as *hetairai* residiam na região de Melite nas proximidades da Pnyx. Melite/*Μελίτη* fica localizado no centro da pólis de Atenas, cercada pelas muralhas erguidas por Themístocles e a oeste da Acrópole e da *Ágora*. Homer A. Thompson afirma que comumente se tem assumido que a região havia perdido a maior parte de seu esplendor inicial no final do século IV a.C. Essa suposição foi baseada quase exclusivamente em uma passagem do discurso de Ésquines contra Timarchos ao descrever a região de Pnyx como um lugar de má reputação, habitado apenas por prostitutas. A região era cercada pelos grandes muros e pouco povoada, de modo que a única evidência definitiva sobre o bairro Pnyx deriva das narrativas de Ésquines e Timarchos. Na verdade, as suas palavras devem transmitir alguma verdade, mas não seriam em si mesmas prova suficiente para afirmar que toda a área da Pnyx havia degenerado em um espaço repulsivo de prostituição (Thompson, 1943, p. 361). De fato, sabemos que parte da região de Melite era constituída por arredores próximos do centro de Atenas na época de Alexandre, bem como acrescentamos que Fócion e Epicuro mantiveram mansões na região (Plutarco, *Fócion*, XVIII 6; Diog. Laert., XI, 7.).

Em relação a *porné*, esta atenderia aos anseios dos *andrea mesoi*, segmento social emergente composto por hoplitas, pequenos criadores e proprietários de terra, *kapeloi*/comerciantes e artesãos. A documentação deixa transparecer que era mulher de pouca expressividade, despersonalizada, anônima que presta serviço, mediante pagamento, como profissional do sexo em prostíbulo/*pornobosco* e em espaços públicos como a região do Cerâmico e nos arredores do Porto do Pireu (Candido, 2014, p. 163). Segundo Iseus, na praça de mercado/*ágora* de Atenas havia bazares e tabernas com venda de vinho, próximo ao Portão da Via Sagrada, locais com mais frequência de circulação das *pornai* (Iseus, VI:20).

Hetaira, como Frinea de Thespis, seria uma espécie de *cortesã* de luxo, educada, geralmente mantida por um ou dois clientes com acentuados recursos pecuniários. Sua função era servir como companhia nos banquetes, simpósios e entretenimentos, podendo também atender aos prazeres sexuais. Xenofonte, na obra *Memorabilia*, nos apresenta Theodota de Atenas como uma *hetaira* que tem uma vida de riqueza e conforto devido às trocas de favores sexuais esporádicos oferecidos aos *andrea aristhoi*, integrantes da aristocracia grega (*Memorabilia*, 3:11). Podemos afirmar que a ação faz parte da cultura masculina grega, pois o termo *hetaira* provém de *hetairos/companheiro*, como afirma Heródoto. O termo traz o sentido de relação de *philia/amizade*, ou seja, fica subentendida a economia de trocas de presentes de forma privada e a gratidão entre os integrantes da aristocracia sem a presença e a circulação monetária.

A *porné*, ao contrário, aparece como uma mulher economicamente deficitária, que usa o comércio do corpo como meio de sobrevivência, atendendo qualquer homem mediante pagamento por sexo na rua e nos bordéis (Kurke, 1997, p. 108). Em relação à palavra: *porné* deriva do termo *pernemi/vender*, termo comum para compra e venda de escravizados que passou a representar a venda do corpo para a realização dos prazeres sexuais em troca de pagamento monetário. Laura McClure nos aponta para as referências do poeta cômico Filemon, ao afirmar que o preço mais baixo mencionado para um único ato de uma prostituta seria de um *óbolo*, ou um sexto de *dracma* para uma mulher, presumivelmente uma escrava que trabalhasse em um bordel (McClure, 2024, p. 79).

William Loomis estima que a taxa a ser paga para uma prostituta seria entre três e cinco *óbolos* por serviço, ou metade de uma *dracma*. Para efeito de comparação, os pedreiros que construíram o Erecteion, em 409-407 a.C., ganhavam uma *dracma* por dia, enquanto soldados e marinheiros no mesmo período recebiam três *óbolos*, o que significa que o custo de um único encontro sexual era aproximadamente equivalente a um dia de trabalho (Loomis, 1998, p. 185, 257; Kapparis, 2017, p. 306-8)

Stephanie Lynn Budin, no livro *The Routledge Companion to the Reception of Ancient Greek and Roman Gender and Sexuality* (2023), traz críticas e propõe abordagens alternativas sobre a definição de *hetaira* e *porne* no mundo grego e romano. Para a autora, os dois elementos mais importantes para a definição de *hetaira* estão relacionados a ser profissional do sexo e à troca econômica que geralmente envolve recursos financeiros/moedas, mas pode ser contabilizado outros bens ou serviços economicamente significativos. Uma *hetaira* raramente seria uma cortesã porque foi no final da existência histórica do período helenístico que as cortes reais relacionadas às cortesãs surgiram. Lynn Budin critica que a palavra *hetaira* seja apenas um eufemismo para pornografia e afirma ser predominante na historiografia e literatura modernas sobre o conceito de prostituição

grega, notadamente nas publicações de Leslie Kurke e James Davidson (Budin, 2023, p.265). consideramos que para os gregos clássicos, os *andrea aristhoi*, que gostavam de simpósios, banquetes e de sua companhia, as *hetairai* eram mulheres belas, livres, alegres e divertidas e não definitivamente eram consideradas prostitutas.

Retornando a de Frineia de Thespis, outro admirador da beleza e fama da jovem foi Poseidipos, autor do poema *The Women from Ephesus*, no qual citou que a jovem *hetaira* era sem dúvida a mais célebre de todas as *hetairai/epiphanestatê polu tôn hetairôn*, elogio que foi ratificado por Plutarco e Atheneu. Devido à beleza e à celebridade, Frineia tornou-se amante de homens e políticos importantes em Atenas e sua atuação profissional indica que acumulou considerável fortuna. A sua riqueza se expressa através da contribuição que ofertou para a reconstrução do muro de Thebas, destruído pelos macedônios. Entretanto, segundo Atheneu de Naucratis, a filantropia da jovem foi rejeitada pelo fato de Frineia ter exigido a gravação e exposição pública de uma estela com a seguinte inscrição:

Ἀλέξανδρος μὲν κατέσκαψεν, ἀνέστησεν δὲ Φρόνη ἡ ἑταίρα/Alexandre destruiu Thebas, mas Frinea, a hetaira, reconstruiu como forma de demarcar a sua contribuição e a honra de sua doação. (Atheneu, *Deipnosophistae*, 13.591d).

Melissa Funke nos informa que a razão da reconstrução das muralhas de Thebas e a reconstrução da pólis se deve ao fato de ser a região de onde provém Frineia, a qual tinha ciência da situação, afinal a região e os muros da pólis tebana tinham sido destruídos por duas vezes pelos macedônios (Funke, 2024, p. 6). Nicholas Rockwell fala sobre a destruição da cidade de Thebas: depois de intensos combates, os macedônios e seus aliados se envolveram em um massacre em massa e escravizaram a população tebana; foi um total de seis mil indivíduos mortos e trinta mil homens, mulheres e crianças foram vendidos como escravos (Rockwell, 2017, p. 133).

A filantropia da jovem hetaira deixa transparecer que detinha recursos pecuniários para ajudar na reconstrução de sua região de origem. Pausânias, na obra *Descrição da Grécia*, mostra a existência de recursos financeiros da jovem *hetaira* ao relatar sobre uma estátua dourada de Frineia de Thespis feita por Praxíteles, mas custeada pela própria hetaira e dedicada no santuário de Delfos (Pausânias, 10:15). Atheneu ratifica que foi a hetaira que custeou as despesas e a ofertou como dádiva no santuário, conforme a citação seguinte:

As pessoas que viviam na área tinham uma estátua de ouro feito da própria Frinea e dedicou-o, montado em uma coluna de mármore pentélico, em Delfos; Praxíteles o produziu. Quando o cínico Crates o viu, ele o chamou de monumento à depravação grega. Esta estátua/*eikon*

ficava entre as de Arquidamo, o rei de Esparta, e Filipe II da Macedônia, filho de Amintas e carregava a inscrição "Frine, filha de Epicles de Téspias" (Atheneu, *Deipnosophistae*, 591b).

A escultura foi considerada um trabalho artístico escandaloso devido à nudez e tornou-se base de trechos literários, compilações de citações e anedotas. Algumas citações podem ser cotejadas em obras de diferentes autores do primeiro ao terceiro séculos d.C., como Plutarco (c. 25-120 d.C.), Pausânias (c. 150 d.C.) e Diógenes Laércio (c. 250 d.C.). As informações nos sugerem que a tradição biográfica de Frineia nessa época já estava bem desenvolvida e amplamente divulgada. Entretanto, o nosso interesse consiste em reconhecer que a notoriedade e a beleza de Frinea renderam-lhe fama e acesso à clientela da elite/*andrea aristhoi*, resultando em acúmulo de acentuada fortuna ao longo da vida, como revela a citação de Plutarco, ao mencionar que, mesmo não sendo jovem, vendia seus produtos com acentuado preço por causa de sua reputação construída ao longo dos anos (Plutarco, *Moralia*, 125a).

Concluimos este ensaio afirmando que Praxíteles fez várias estátuas da deusa Afrodite tendo como modelo a *hetaira* Frineia de Thespis, como deixam transparecer as referências das *Dedicatórias em Delfos* com a inscrição de Frinea no santuário, assim como as diferentes cópias da estátua de Afrodite. Temos de reconhecer que a vida da *hetaira* adquiriu visibilidade e passou para o primeiro plano na atualidade, como apontam as duas recentes publicações sobre a sua existência, a saber: *Phryne of Thespieae: Courtesan, Muse, and Myth* (2024) e *Phryne, a life in Fragments* (2024). Ambas trazem as referências de discurso político de oradores áticos, epigramas de anônimos, poemas, comédias que mencionam as atividades de Frineia de Thespis e sua atividade como *hetaira*. A documentação, embora fragmentada, nos permite identificar Frineia como uma jovem mulher estrangeira, de renome e celebridade, que circulava pela elite política e intelectual de Atenas, os *andrea aristhos*. A jovem adquiriu acentuada notoriedade, cobiça e fama que resultou em se tornar uma mulher estrangeira detentora de acentuada riqueza em Atenas.

## REFERÊNCIAS

- ATHENAEUS. The Deipnosophists. Translation by. Charles Burton Gulick. Cambridge, Harvard University Press, 1927.
- AURENCHE, Olivier. Les groupes d'Alcibiade, de Léogoras et de Teucros: remarques sur la vie politique athénienne en 415 avant J.C. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- BUDIN, Stephanie Lynn. A Revised Interpretation of the Ancient Greek Hetaira. In: The Routledge Companion to the Reception of Ancient Greek and Roman Gender and Sexuality. Oxon: Routledge, 2023, p. 263-285.
- CANDIDO, M. R. Mulheres Estrangeiras e as práticas da magia na Atenas do IV séc. a.C. In: Amor, Desejo e Poder na Antiguidade. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2014, p. 153-170.
- DEMOSTHENES. Contra Neeira. Trad. Gloria Onelley. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- DAVIDSON, James N.. Consuming Passions: Appetite, Addiction and Spending in Classical Athens. PhD Dissertation, Trinity College, Oxford University, 1994.
- EISNER, Jas. Introduction the Genres of Ekphrasis. Ramus, The Verbal and the Visual: Cultures of Ekphrasis in Antiquity. Vol. 31, sup. 1-2:, 2002, p. 1-18.
- FUNKE, Melissa. Phryne, a life in Fragments. London : Bloomsbury Academic, 2024.
- ISEUS. Discours. Trad. Pierre Roussel. Paris Les Belles Lettres, 1960.
- KAPPARIS, Konstantinos. Prostitution in the Ancient Greek World. Berlin/Boston: Gruyter 2018.
- KURKE, Leslie. Inventing the Hetaira: Sex, Politics, and Discursive Conflict in Archaic Greece. Classical Antiquity. University of California Press, 1997, p 106-150.
- LEWIS, Sian. The Athenian Woman: An Iconographic Handbook. New York Routledge, 2002,
- LOOMIS, W. Wages. Welfare Costs, and Inflation in Classical Athens. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.
- McCLURE, Laura. Phryne of Thespieae: Courtesan, Muse, and Myth. New York: Oxford University Press, 2024.
- MOORE. Kennedy The Routledge Companion to the Reception of Ancient Greek and Roman Gender and Sexuality. Oxon: Routledge, 2023.
- MORALES, Helen. Fantasising Phryne: the psychology and ethics of “ekphrasis”. The Cambridge Classical Journal , 2011, Vol. 57, p. 71-104.

MORRIS, Ian. The Strong Principle of Equality and the Archaic Origins of Greek Democracy. In: OBER, J. et alli (eds.). *Demokratia: A conversation on Democracy Ancient and Modern*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 19-48.

PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia. I*, trad. Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

PEREIRA, Luiz Guilherme Couto. *Contra Timarco de Ésquines: tradução e estudo introdutório*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-20072016-190143/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PLUTARCO. *Los oráculos de la Pitia. Introducciones, traducciones y notas* por Francisca Pordomingo Pardo y José Antonio Fernández Delgado. Madrid: Editorial Gregos, 1995.

PLUTARCH. *Moralia*. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Loeb Classical Library, 1927.

KENNEDY, Rebecca Futo. *Immigrant women in Athens: gender, ethnicity, and citizenship in the classical city*. New York: Routledge, 2014.

ROCKWELL, Nicholas. *Thebes, a history*. New York: Routledge, 2017.

THOMPSON, Homer A. *Stoas and City Walls on the Pnyx*. *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens, ASCSA*, Vol. 12, n. 4, p. 269-383, 1943.

XENOFONTE. *Memorabilia, Oeconomicus*. Trad. Otis J. Todd. Londres: Harvard University Press, 1992.